

KUIRARTISAR

as más-turbações fascistas:

como inventar para si
políticas de descontrolo





KUIRARTISAR

as más-turbações fascistas:

como inventar para si
políticas de descontrolo

Rogério Melo
Fernando Silva Teixeira-Filho
Roberta Stubs (Orgs.)

editora
DEVIRES

KUIRARTISAR AS MÁ-S-TURBAÇÕES FASCISTAS
Como inventar para si políticas de descontrolo

Rogério Melo, Fernando Silva Teixeira-Filho, Roberta Stubs (Orgs)

Editor: Gilmaro Nogueira

Diagramação: Daniel Rebouças

Capa: Roberta Stubs

CONSELHO EDITORIAL

| | |
|--|---|
| Prof. Dr. Carlos Henrique Lucas Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB | Prof. Dr. Leandro Colling Universidade Federal da Bahia – UFBA |
| Prof. Dr. Djalma Thürler Universidade Federal da Bahia – UFBA | Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB |
| Profa. Dra. Fran Demétrio Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB | Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ |
| Prof. Dr. Helder Thiago Maia USP - Universidade de São Paulo | Prof. Dr. Marcio Caetano Universidade Federal do Rio Grande – FURG |
| Prof. Dr. Hilan Bensusan Universidade de Brasília - UNB | Profa. Dra. Maria de Fatima Lima Santos Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ |
| Profa. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus Instituto Federal Rio de Janeiro – IFRJ | Dr. Pablo Pérez Navarro Universidade de Coimbra - CES/Portugal e Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG/Brasil |
| Profa. Dra. Joana Azevedo Lima Devry Brasil – Faculdade Ruy Barbosa | Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ |
| Prof. Dr. João Manuel de Oliveira CIS-IUL, Instituto Universitário de Lisboa | |
| Profa. Dra. Jussara Carneiro Costa Universidade Estadual da Paraíba – UEPB | |

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

M48k Melo, Rogério
1.ed. Kuirartisar as más-turbações fascistas : como inventar para si
políticas de descontrolo / Rogério Melo, Fernando Silva Teixeira-
Filho, Roberta Stubs (Orgs.). – 1.ed. – Salvador, BA : Devires, 2022.
176 p.; 16 x 23 cm.

Bibliografia.

ISBN : 978-65-89601-04-3

1. Arte, 2. Gênero e sexualidade, 3. Políticas de descontrolo.
I. Teixeira-Filho, Fernando Silva. II. Stubs, Roberta. III. Título.

10-2022/153

CDD 700

Índice para catálogo sistemático:

1. Artes 700

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida, desde que
citada a fonte. Direitos para essa edição cedidos à Editora Devires.

editora
DEVIRES

Av. Ruy Barbosa, 239, sala 104, Centro – Simões Filho – BA
www.editoradevires.com.br

SUMÁRIO

7 Prólogo - Desertos verdes
Murilo Moscheta

PRELIMINARES TEÓRICAS

17 A autobixógrafa aqui! Essa que escreve?!
Tales Santos Pereira

31 A mostra que logo sou
Ana Julia Campos

**47 A videoperformance como tecnologia de gênero:
o surgimento de uma Vênus contrassexual**
Maíra Freitas

**61 Levítico ou das tramas do tomai e enfiai: uma
performance bicha e preta**
PC

**73 Ativar a experiência da contra-memória
para atravessar o presente**
Angela Donini

**85 A alquimia do “corpo-político-midiático”: gênero,
indumentária e arte nas cenas performativas de João do Crato**
Walisson Angélico de Araújo

SURUBAS ARTÍSTICAS

**101 A arte-educação de Guilherme Terreri e Rita Von Runty:
provocações de acontecimentos e políticas de afetos**
Rogério Melo
Fernando Silva Teixeira-Filho
Roberta Stubs

111 Projeto Lacração (2016 – 2019)
Bella Tozini

**123 Perfura, suspende e sangra: outras linguagens
do corpo - entrevista com T. Angel**
Gabriel Catto

137 Trajetos desviantes para uma pornografia dissidente
Jeffe Grochovs

147 Parindo a vida como obra de arte: Maite e suas (trans)mutações
Rogério Melo
Fernando Silva Teixeira-Filho
Roberta Stubs

159 Cesar Almeida e o teatro queer curitibano
Cesar Almeida



Prólogo¹

Desertos verdes

Murilo Moscheta

Fluxo e disputa. Isso é o viver, sabemos muito bem. Tanto quanto sabemos do mal-gosto (ou vício?) de, apesar disso, apreendê-lo por imagens estáticas, categorias absolutas, nomes próprios e etiquetas. Sabemos também do anseio em fazer de todos esses recortes uma pequena morada, um pedaço de chão de identidade, uma foto de família, um cercadinho² qualquer: ter e pertencer. Finalmente, sabemos que a esse amor mórbido por âncoras, já desprovido da vitalidade do fluxo e da disputa, não resta muito mais que esposar um outro ainda mais moribundo e ressentido, ávido por medir e classificar o bom, o melhor, o normal: um amor contabilista. Núpcias nefastas erguendo os muros do seu pequeno reinado na estabilidade e no temor e ins-

¹ Apontamos que alguns textos reunidos nesta coletânea, fazem uso da linguagem neutra e/ou inclusiva, enquanto posicionamento ético/político/estético e recurso tensionador da linguagem para “[...] mostrar a desconstrução de gênero, o rompimento do binarismo nas formas escritas e falada” (LAU, 2017, p. 2), na tentativa de contemplar as multiplicidades das identidades e expressões de gêneros LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Interssexos, Assexuais etc).

² Embora as associações desta palavra sejam óbvias no momento desta escrita, talvez a leitura futura necessite de detalhamento. O presidente Jair Bolsonaro instituiu em seu governo uma prática de falar diretamente a seus apoiadores que diariamente o aguardam na saída do Palácio do Planalto em uma área demarcada por divisórias metálicas popularmente conhecidas como “o cercadinho”. Essa imagem reverbera a noção de submissão contida na expressão “gado” bastante utilizada para designar os apoiadores do governo em seu comportamento de rebanho. O destaque que faço aqui é para a produção estética e subjetiva que coloca o autoritarismo, a truculência, a obediência e o confinamento voluntário como traços de um desejo por pertencimento a uma massa e submissão a seu líder. Neste texto essa imagem irá se contrapor às noções de matilha e de vacas pastando em campos sem pastores.

talando-o em guerra contra toda a vida pulsante que ele mesmo por muito pouco sacrificou um dia. Obviamente a grama será sempre mais verde longe dali.

Eu li este livro como se pastasse sobre um campo de grama verde. Há, portanto, um desterro que acompanha sua leitura, uma disposição em sair de onde se está que encontra naquilo que produzem essas autoras uma possível ressonância. Todas aqui estão de saída. Todas deixam, partem, dão as costas, desaparecem. Formam os seus próprios bandos ou seguem por um tempo sozinhas. Em oposição ao sedentário, eu poderia chamá-las de migrantes, expatriadas, refugiadas, nômades ou desertoras, por exemplo. Imagino que todas essas figuras sirvam de algum modo e com diferentes ênfases para falar do gesto que encontro na produção das autoras aqui reunidas. Há, por exemplo, um habitar do movimento próprio do nomadismo. Há também o desterro forçado da expatriada ou a luta pela sobrevivência da refugiada. Mas a mim, a figura da desertora parece especialmente interessante. Desertoras porque se desalistaram de um recrutamento estúpido e fizeram da casa do pertencimento um deserto. Aqui pouco se escuta da nostalgia sobre a terra perdida, ou do desejo de ser reconhecido ao olhar contábil. Não há ninguém clamando aos portões dessa cidadela.³

Tampouco há em seus arredores um grupo em tocaia aguardando a hora e a vez de tomá-la de assalto e fundar ali um reino ao seu modo. A desertora é quem abandona porque sabe que a vida por ali não passa. Já não se vê ao fundo, sobre seus ombros, aquele antigo reinado se arruinando? Há no ato de desertar um destituir, um esvaziamento e uma corrosão. Assim deixamos esse reinado: com o desinteresse de quem não tem mais o que ver com essa falência. Com isso uma nova constelação de afetos e possibilidades se desprende e se estende para longe da sombra da reatividade, no campo posi-

³ Leando Colling (2015) toma de empréstimo da cantora, artista e performer argentina Susy Shock a frase “que os outros sejam o normal” para intitular seu livro que trata das diferenças e tensões entre “movimento LGBT e ativismo queer”. A frase demarca precisamente o gesto de desertar, como pode-se ver no trecho completo citado por ele: Filhxs putxs, tortas, travas, trans, bi etc etc!!! para um mundo dis-tinto!!!! Que os outros sejam o normal! Assim é. Eu estou em busca de novos moldes. Ou os “sem moldes”.

tivo da invenção. Portanto, são também desertoras porque amam a paisagem cambiante do deserto, dunas moventes, a imensa caixa de areia aberta ao permanente jogo da experimentação. No **gesto cuir de desertar** o fluxo e a disputa estão mais perto. Essa palpitação é ao mesmo tempo a medida do vivo e do risco como se vulnerabilidade fosse a superfície fronteira e escorregadia entre o intensamente vivo e o que se perdeu há pouco⁴.

Arrisca-se muito. Às desertoras não interessa saber o destino. Sabem que, no deserto, a imagem que se forma à distância é miragem. Todo horizonte exerce uma força constrangedora na paisagem⁵, como as promessas e opções reduzem o viver a um conjunto já dado de possibilidades. Esse contorno que se forma ao longe cria uma referência que esquadrinha a paisagem traçando linhas de perspectiva impostas ao olhar, ao mesmo tempo em que se coloca fora dela, fugidio, abstrato, tão inalcançável quanto encantador. O horizonte domina a paisagem. Por isso, à bela imagem que Galeano fez da utopia⁶, como um horizonte inalcançável cuja função é manter-nos em movimento, é preciso contrapor aquela que Beckett criou com a figura do esgotado, aquele que não tem nem quer descanso, que não se moverá por mais nada⁷. Ele é também um desertor do reinado da esperança e da tirania dos possíveis. Ele não mais quer saber de possíveis, ele quer apenas o que ele pode. E ali, catatônico, sem se inclinar na direção de qualquer miragem, avesso a qualquer aceno de horizonte, ele chega ao impossível. Viaja-se pelo deserto sem se mover⁸. Também as vacas pastam sobre a grama sem precisar de

⁴ “E como ter a força de estar à altura de sua fraqueza, ao invés de permanecer na fraqueza de cultivar apenas a força?” pergunta Peter Pál Pelbart (2013, p. 32).

⁵ A partir das contribuições de Blanchot e Collot, Luciana Ferreira (2021) traça instigantes observações sobre o força restritiva do horizonte sobre a paisagem. A autora utiliza da paisagem para pensar a linguagem e a escrita constrangidas por regimes rígidos de significação, que, tal como o horizonte, constituem uma exterioridade que domina a língua.

⁶ Pode ser consultada em <https://youtu.be/9iqi1oaKvzs>

⁷ “O esgotado é aquele que tendo esgotado o seu objeto, se esgota ele mesmo, de modo que essa dissolução do sujeito corresponde à abolição do mundo. Se o cansado tem sua ação comprometida temporariamente, prestes a retomá-la, o esgotado, em contrapartida, é pura inação, testemunho” (Pelbart, 2013, p. 42). Essa abolição de mundo, ou a sua desertificação, é o esvaziamento que se faz como condição para a produção de outras modalidades de existência.

⁸ “Certamente, o nômade se move (o beduíno a galope, de joelhos sobre a sela, sentado

horizontes, imperceptíveis, movendo-se conforme os apetites. Assim, não há nesse livro um projeto, uma promessa, um plano, ou esboço de horizonte. Há potência, aparições, acontecimentos, modos de habitar trânsitos, e uma paisagem do viver que com isso se modifica. É o **gesto cuir de instaurar**, de dar existência àquilo que estava fora do horizonte possível e que, uma vez instaurado, redimensiona as linhas que cruzam a planície⁹. Sempre um ponto de partida que desloca as rotas. Passa e abre passagens.

Povoa-se um deserto. São seres nascentes feitos fora das formas. São estranhas e escapam à língua das nomenclaturas. Seres bizarros, híbridos, bestiais e monstruosos. Esfinges a propor charadas desconcertantes e a devorar respostas. São ameaçadoras porque encarnam uma insubmissão festiva e desmontam o poder reiterativo da norma. Fazem-se no **gesto cuir de desobedecer** e orientam-se, de algum modo, por essa bússola: estender o campo do vivo trespassando fronteiras. Por isso ocupam geograficamente o espaço das bordas¹⁰. Se o horizonte é sempre uma miragem inalcançável à

sobre a planta de seus pés virados, 'proeza de equilíbrio'). O nômade sabe esperar e tem uma paciência infinita. Imobilidade e velocidade, catatonia e precipitação, 'processo estacionário', a pausa como processo, esses traços de Kleist são eminentemente os do nômade (...). Por isso é preciso distinguir a velocidade e o movimento: o movimento pode ser muito rápido, nem por isso é velocidade; a velocidade pode ser muito lenta, ou mesmo imóvel, ela é, contudo, velocidade. O movimento é extensivo, a velocidade intensiva" (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 55).

⁹ Utilizo o termo instaurar a partir das contribuições de Étienne Souriau, conforme apresentadas por David Lapoujade (2017). Em suas proposições ontológicas, Souriau concebe quatro tipos de existências, sendo os virtuais as existências mais tênues e frágeis. Instaurar é o gesto que, por meio da experimentação, faz os virtuais passarem a um estado de existência mais consistente ao mesmo tempo em que testemunha e advoga por essa existência. Nessa concepção instaurar se distingue do criar, uma vez que algo já existe enquanto virtual e atua como força que convoca à experimentação que lhe dará mais existência. Desse modo, o que se produz pela experimentação não se situa plenamente no domínio do sujeito criador. "O criador é sempre apenas o hospedeiro de suas virtualidades" (p.74) E nesse ponto situa-se o risco e a vulnerabilidade do ato criador. "Até que ponto ainda é preciso insistir, acrescentar, reduzir? Não corremos o risco de ir longe demais e estragar tudo, risco que vem do 'temor de estragar a obra já satisfatória, por um erro de última hora'? Essas perguntas não dizem respeito ao 'arremate' e seus detalhes, mas ao acabamento da obra no sentido em que ela ameaça malograr por causa de um último gesto".

¹⁰ Deleuze e Guattari (2011) elaboram a partir das proposições de Elias Canetti sobre a diferença entre massa e matilha e correlacionam a posição esquizo à primeira e a posição paranoica à segunda. A matilha pressupõe uma certa multiplicidade e agência que a

distância, a borda é o limite de onde se está efetivamente: aquilo que o corpo coberto pelos incontáveis decalques sociais de inteligibilidade (raça, gênero, sexualidade, território, etc.) conhece como limite porque o vive. Encontrar limites e transgredi-los, é essa a orientação metodológica que atravessa as produções reunidas neste livro. E isso é questão de método, não de identidade. Não se trata de formar o grupo das desobedientes ou a cidadela das monstras, mas de apreender seus gestos e de neles tomar impulso na composição de outros¹¹. Portanto, é sempre prudente ter cautela com nossa fascinação com as figuras que emergem dos gestos audaciosos da desobediência. A desobediência perde potência quando se transforma em um novo lugar de pertencimento. Sofre também uma terrível captura: a de sempre acontecer em resposta a uma regra exterior. E como a fábrica de regras nunca para, será preciso sempre renovar o empenho em desobedecê-las, mas guardando um fôlego para aquilo de inventivo que está fora de suas pautas. Por isso, o gesto cuir de desobedecer se complementa no **gesto cuir de experimentar**.

É verdade que a experimentação parte daquilo que há. Parte-se, por exemplo, de um corpo que se tem, de uma língua que define as condições do dizível, de um sistema de percepção e pensamento rígido que seleciona e carimba aquilo que por alguém transita. Mas

massa pretende homogeneizar e submeter. Em uma matilha, mantém-se sempre nas bordas e coordena-se os movimentos em composição com o bando. Citam Canetti, “Quando a matilha se põe em círculo ao redor de seu fogo cada um poderá ter vizinhos à direita e à esquerda, mas as costas estão livres, as costas estão expostas à natureza selvagem”. E complementam: “Reconhece-se a posição esquizo, estar na periferia, manter-se ligado por uma mão ou um pé... Opor-se a isso à posição paranoica do sujeito de massa, com todas as identificações do indivíduo ao grupo, do grupo ao chefe, do chefe ao grupo; estar bem fundido com a massa, aproximar-se do centro, nunca ficar na periferia, salvo prestando serviço sob comando” (p. 61).

¹¹ A questão fundamental é retirar qualquer adesão identitária que enrijeça movimento e reduza multiplicidades. As multiplicidades definem-se e transformam-se pelas bordas, pela composição por alianças sem filiação, e que “faz com que não se saiba mais se o anômalo ainda está no bando, já fora do bando, ou na fronteira móvel do bando” (Deleuze e Guattari, 2012, p. 28). Que todos em uma matilha possam ocupar essa posição anômala é o que a distingue de um rebanho. E os feiticeiros “sempre tiveram a posição anômala, na fronteira dos campos ou dos bosques. Eles assombam as fronteiras. Eles se encontram na borda do vilarejo, ou entre dois vilarejos. O importante é sua afinidade com a aliança, com o pacto, que lhes dá um estatuto oposto ao da filiação. Com o anômalo, a relação é de aliança” (p. 29).

é também verdade que nossa própria apreensão “daquilo que há” é muito restrita. Porque há também o corpo que nunca se tem por completo, que vibra e produz para além do sujeito, corpo ingovernável e inapreensível, corpo-sem-órgãos¹². Porque há também o indizível do desejo, essa bruma espessa fora das condições de representação, espasmos de incongruências, soluços de perturbação, poluções de perplexidades. E há também o contrabando de tudo ao qual se chega pelas portas dos fundos da intuição, dos sonhos, dos mal-estares imprecisos, das visões e da poética. Experimentar não é um exercício de lucidez, é antes um modo de conexão com toda essa parte lunar do viver. Por isso se faz em tentativas, com riscos e gestos hesitantes. O que está em jogo é a produção daquilo que só se conhecerá quando acontecer, mas que de alguma forma já transita enquanto força, virtualidade presente e ativa pedindo um pouco mais de existência.

São gestos: desertar, instaurar, desobedecer e experimentar. Não são coisas nem características. São verbos, como o título deste livro apropriadamente sinaliza. Algo que acontece quando se instala um verbo no coração de outro, perfurando-os e transbordando-os. O fazer dentro do ser, o passar no estar, ter em perder.

Cada um desses gestos põe ênfase em nuances distintas ainda que eles guardem muita vizinhança - as mais estreitas entre desertar e desobedecer e entre instaurar e experimentar¹³. Portanto, antes de

¹² Para Deleuze e Guattari (2012) o corpo sem órgãos é aquilo que está fora das capturas restritivas do organismo, da significância e da subjetivação. “Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto - o CsO - mas já se está sobre ele - arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante do deserto e nômade da estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos” (p. 12).

¹³ Na apresentação que escolhi fazer para este livro, destaquei quatro gestos que compõem linhas que atravessam o campo de produção das autoras reunidas aqui. Cada um que como eu, se vir encarregado de produzir uma apresentação do que se chama cuir, escolherá linhas, nomes, gestos e forças que lhe parecer mais proeminente. Obviamente nenhuma apresentação exaure o campo móvel próprio desse modo de pensar, sentir e produzir. Apresentações são recortes e nisso se limitam. Mas também se avizinham, expandem e se complementam. Como exemplo, destaco a tese de Rogério Melo (2021) dedicada a cartografar a produção de artistas da cena cuir brasileira. Em sua análise, Rogério destaca o que chama, (inspirado em Suely Rolnik) de alarme vital de diferencia-

concluir vale o esforço de síntese e destaque dessas nuances. Desertar como destituição de fundamentos, desobedecer como método por oposição, instaurar como afirmação e expansão de existências e experimentar como modo de produzir com aquilo que está fora do sujeito. A partir dessas diferenciações fica mais fácil traçar alguns riscos que rondam cada um desses gestos: nem todo desertar instaura, nem toda desobediência experimenta, nem toda instauração desobedece, nem toda experimentação deserta. Daqui pode-se continuar e multiplicar o jogo de uma palavra contra outra até que rachem, porque nem esta apresentação nem este livro merecem viver sem frestas.

Na fricção destes gestos há uma faísca cuir, e nessa faísca todo um deserto verde.

ção, movimento semelhante ao gesto de desertar que denominei aqui. Destaca ainda a desobediência e o desbunde, ambos semelhantes e diferentes daquilo que eu consegui demarcar como gestos cuir.

Referências

COLLING, L. **Que os outros sejam o normal: tensões entre o movimento LGBT e o ativismo queer**. Salvador: Edufba. 2015. 268p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3**. São Paulo: Editora 34, 2012. 144 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1**. São Paulo: Editora 34, 2011. 128 p.

FERREIRA, L. S. M, **palavra-livro, casa-exílio. (por uma língua mal-dita)**. Tese de doutorado. Universidade de Brasília. (Orientação Karina Dias) Brasília, 2021. 227p.

LAPOUJADE, D. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 Edições. 128 p.

LAU, Héilton Diego. O uso da linguagem neutra como visibilidade e inclusão para pessoas trans não-binárias na língua portuguesa: a voz “del@s” ou “delxs”? não! a voz “delus”. **V SIES simpósio internacional em educação sexual saberes/trans/versais currículos identitários e pluralidades de gêneros**, Maringá, 2017. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3112.pdf>

MELO, R. A. **Palavras-sopros de corpos em trânsitos: uma cartografiade experiências queers e seus não-lugares**. (Tese de Doutorado) Universidade Estadual Paulista, Assis, 2021.

PELBART, P. P. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1 Edições. 446p. 2013.

PRELIMINARES
TEÓRICAS